

O MAJOR LULÚ DE QUEIROZ

(Com a devida vên^{ia}, transcrevemos de "Correio Paulistano", de São Paulo, este primoroso trabalho de Pelágio Lobo traçando o perfil de uma veneranda figura da velha Campinas).

No r^{ol} dos homens de incomensurável dedicação à miséria humana, desses que praticam a caridade com sacrifício do seu sossego e do seu conforto, expondo-se ao contato permante com a miséria e às doenças mais horripilantes, não sei de nenhum que emparelhasse com esse vulto do major Lulú Pereira de Queiroz, aqui falecido há vinte anos. O sacerdócio católico está cheio de nomes benemeritos que se impõem à veneração das gerações presentes, como se impuseram à das passadas - e na assistência aos leprosos os dois padres Pachecos, de Itú, Antônio e Bento, tem lugar de destaque, porque ombreiam com essas figuras de legenda, catalogadas entre os santos, que nós encontramos singela e abundantemente biografadas pelo pregador dominicano frei Jacobus, na "Legenda Sanctorum", escrita no século XIII e depois derramada pelo mundo e pelos séculos seguintes na versão francesa, em que o frade tem o nome de Jacques de Voragine.

Essas histórias e as lembranças desses vultos tutelares da humanidade tiveram no período medieval uma influência enorme e contribuíram para elevar o senso de solidariedade humana a uma altura que fez esquecer os horrores e o sangue das persuições pagãs dos primeiros séculos. Não vamos equiparar aquelas figuras com

as atuais, mas podemos colher de alguns exemplos bem próximos de nós a lição que pode servir de consolo aos homens desta geração, um tanto incrédulos sobre as virtudes afetivas de seus semelhantes. Em geral não percebemos a beleza sugestiva dessas vidas de devotamento à miséria a lheia porque os seus embates e a proximidade em que nos encontramos, nos tiram o poder da medida e a distância ne cessária para uma exata avaliação.

Com o correr dos anos, pesando-as bem e recompondo, de memória, o que sabemos e o que sabem os outros, é que experimentamos uma estonteante surpresa e indagamos, edificamos: - Como é que um homem desse estofo moral, dessa imensa faculdade de devoção aos miseráveis, passou assim despercebido, e confundido na grande massa que conheci e quase nivelado com seus heterogêneos componentes?

Mas vamos ao homem, que esse oferece, na simplicidade da sua vida e no total desapego a honrarias e confortos, o melhor assunto para uma edificante biografia.

o o o o o o

Conheci bem o major Lulú de Queiroz, e desde menino me habituei a vê-lo, nos empregos que ocupou na antiga Intendência Municipal de Campinas, sem arredar pé da

cidade nas épocas de calamidade pública e sem se afastar dos amigos e correligionários nas horas duras, de luta ou nas incertas de perigo. Era dessa falange, felizmente não extinta - e que, graças a Deus, jamais se extinguirá - dos que entram nos partidos, nos trabalhos e obras de interesse geral, com o único fito de servir e servir bem, sem excusas de comodismo nem evasivas jeitosas de ultima hora.

Nasceu Luís José Pereira de Queirós em Jundiá, em abril de 1847 e era o 13º filho do capitão José Pereira de Queirós, tronco de uma prole numerosa em que se entrelaçavam os Prado, os Queirós Teles, Queirós Aranha, Queirós Lacerda, Queirós Guimarães profusamente catalogados na Genealogia Paulistana de Silva Leme, tit. dos Moraes (VII).

São troncos egrégios, de que repontam nomes ilustres cheios de contribuições ao progresso de S. Paulo e com destacada atuação na Monarquia e na República. Filho de fazendeiro, criado em fazenda de café, foi mandado a Itatiba para ali fazer o curso das primeiras letras. Poderia fazê-lo na própria cidade, em que havia boas escolas, mas foi mandado para mais longe, pois seu pai soubera, por denúncia de pessoas da casa, que o menino Lulú, iludindo a vigilância de todos, ia frequentemente visitar o preto Adriano, antigo escravo da fazenda "Pau a Pique", que o capitão Pereira de Queirós fisera alojar em casa retirada, para isolá-lo dos outros escravos, devido à lepra que deformava o infeliz escravo com suas horrorosas manifestações.

O menino filho do fazendeiro, compadecido do

~~O MAJOR LUIZ DE QUEIROZ~~

~~(cont.)~~

- fls. 4-

enfermo e indiferente ao aspecto daquelas chagas que, para a maior parte da gente, era repulsivo e atemorizante, fazia caminhadas contínuas e dava ao leproso o consolo de uma visita, fornecendo-lhe comidas, guloseimas e bebidas que arrebanhava de sua casa.

O fato determinou medidas de maior vigilância da parte do pai, muito embora fosse este, como era toda a gente do seu sangue, de reconhecida generosidade com os necessitados de sua terra.

Mas aquela vocação para tão perigosa assistência, num menino que andava então nos seus oito ou nove anos, encheu a família de temores e Lulú de Queirós foi preventivamente "exilado" para Itatiba, antiga Belém de Jundiaí.

O preto escravo, entretanto, foi beneficiado por aquele devotamento, pois o dono da fazenda redobrou de cuidados na assistência que lhe prestava, pensando sempre nos exemplos que do filho recebera. Completados os estudos preliminares em Jundiaí, foi fazer prática de comércio de café na Corte e ali trabalhou num estabelecimento do Visconde de Estrela. Regressou ao torrão natal com 18 anos e foi negociar em café.

Impressionado, entretanto, pela sorte dos doentes do "mal de Lazaro", fez construir, à sua custa, no sítio do "Currupira" uma fila de casinhas de madeira e deu-as em

alojamento aos doentes - os de Jundiaí e os itinerantes, que faziam caminhadas enorme a recolher esmolas. Quem já morou no interior, em fazendas ou em cidades, deve conhecer de ciência própria o que eram esses cortejos sinistros, em que os casais, tantas vezes, se faziam acompanhar de filhos pequenos, já contaminados e dormiam ao léo, nas estradas públicas, dando-se por felizes quando topavam no caminho um rancho ou um abrigo coberto de sapé.

Mudando-se para Campinas, apesar da situação social de larga prosperidade de irmãos e cunhados, que ali possuíam fazendas de café apontadas como as melhores do Município, então em pleno fastígio de sua riqueza agrícola, Luís José Pereira de Queiroz, já casado e com muitos filhos, empregou-se numa das repartições da Municipalidade, como ajudante de procurador, logo depois de procurador.

O cargo lhe foi dado, não só pelos títulos de competência que oferecia, pelo valimento da família como, principalmente, pelas relações e intimidade que desfrutava entre os proceres republicanos, dos quais se fizera correligionário dedicado e foi sempre companheiro leal e firme. A esses títulos se acrescentava um outro, que não deve ter sido dos menores: o dr. Ricardo Gumbleton Daunt, que era vereador monarquista dos mais aguerridos, e médico dos mais conspícuos, conhecera de passagem por Jundiaí, a vila de casas de madeira que Lulú de Queiroz ali tinha feito edificar no sítio

"Curruptura" e sentiu que aquela vocação missionária do moço jundiaiano, já atestada desde a meninice, estava a indica-lo para a administração do Asilo de Morféticos que em Campinas existia e funcionava desde anos remotos. Assim, empregou-se ele na Câmara e foi logo investido da administração do hospital, situado no bairro do Piçarrão. E ali, durante vinte e cinco anos, sem interrupção e sem mostras de fadiga desenvolveu uma atividade que lhe apontou o nome do acatamento e ao respeito de toda a cidade. Era o administrador que se desvelara na assistência aos "seus doentes". Com eles se misturava, a favor deles pedia alimentação e medicamentos, ali promovia festas religiosas, missas e novenas e dava-lhes, principalmente, o conforto moral de sua companhia, sem reservas, sem disfarces, sem mostra de temor. Para a assistência médica encontrara ele na pessoa do dr. Guilherme Bölliger um companheiro resolutivo, e dos mais competentes. Faziam-se eles transportar em veículos da Prefeitura, nos bondinhos de carne do Matadouro e muitas vezes em carroças, quando não faziam a extensa caminhada a pé. O dr. Bolliger, durante algum tempo, como outros médicos da cidade, fazia suas visitas a cavalo. Ganhava o médico uma quantia irrisória por esse serviço, e não reclamava porque o administrador não ganhava mais do que ele. Para cargos desses nunca há pretendentes: a "corrida" é, quase sempre, para os postos burocráticos, de pou

co esforço e nenhum risco. Ninguém jamais lhe disputou o emprego; reconheciam todos que homem daquele feitio, com aquele soberano desprezo pelo perigo de um contágio (e ha via quem acreditasse que o mal de Hansen "pegava" só com o olhar), que se assentava no mesmo banco e conversava com os doentes e pilheriava com eles - homens daquele feitio não se encontravam à mão. Interrogado algumas vezes por a migos se não temia a molestia, vindo ele a ficar no mesmo estado dos seus pupilos, Lulú de Queirós respondia com firmeza: - Em mim isso não pega. Deus me protege! Se a doença pegasse, eu estaria, desde menino, no hospital..."

Considerava-se refratário - e por isso ^{não} evita va aproximações com os seus doentes. No hospital tinha com padra^s, comadres, doentes prediletos. Nunca aparecia ali com as mãos vazias. O que a Prefeitura lhe pagava, era por ele dispendido em frutas, cigarros e, até, bebidas. Muitas vezes pela sua repartição passava o dr. Bolliger e informava: -"F. sua comadre, está por pouco. A pneumonia acaba com ela. E só fala no sr...". Lulú de Queirós largava o serviço e, de carro ou a pé fazia aquele estirão de dois quilômetros - e ia dar o consolo da sua presença à pobre de Cristo que estava para se libertar da vida. Quando podia levava consigo um padre, muitas vezes o padre Ribas. Se não achava sacerdote ia sózinhos. Dava ele a assistência da última hora e acompanhava os outros doentes, já bem práticos, na oração dos agonizantes...

Um dia como uma bomba, rebentou na cidade uma nova angustiante: na Tesouraria Municipal de que ele era o chefe e o responsável, aparecera um grande desfalque; feita a

O MAJOR LULÚ DE QUEIROZ
(cont.)

- fms. 8 -

verificação apurou-se que havia, com efeito, de longa data, uma diferença de várias secções que na dele se des carregavam. Contribuintes que não podiam pagar impostos, em periodos de crise, pediam que ele retivesse os talões de cobrança - e ele atendia. Atendia, mas ficava responsável pela falta...

Consigo, mesmo, muito pouco dispendia. Sua vida era modesta e sem rasgos de ostentação. Ele, mesmo, ficou perplexo ainda quando os devedores, cujos talões es tavam "pendurados", fizeram-se de esquecidos e deixaram de acudir ao convite para o resgate. E Lulú de Queiroz car regou sózinho com o enorme peso do desfalque e com o peso muito maior e opressivo do desconsolo de sentir que, naquela catastrophe, pouquíssimos amigos e protegidos tiveram ânimo de lhe dar o conforto de uma visita - e ele que não fizera outra coisa, na vida, senão confortar os coitados, cobertos de chagas e deformidades horripilantes. Es ses serviços não foram computados a seu favor, nem ele os alegou ou reclamou. Pediu prazo - e possível lhe seria pa gar, o que era debito seu e o que não era, mas descarregado em sua conta. E, em menos de um ano se despojou de tu do- de tudo - casa, mobilia, joias de familias, e os sittios que possuia em Jundiaí, o "Currupira" e o "Engordador" dos quais tirava renda parca em fornecimento de lenha à C. Paulista. Tudo se foi na voragem, mas teve a única sa tisfação que a velhice lhe reservara - pagou o que lhe era exigido até o ultimo vintém. E ficou reduzido à completa

O MAJOR LUIZ DE QUEIROZ
(cont.)

- (fls. 9) -

miséria.

Aquele descalabro que, para alguns foliculari-
os de mau sangue constituiu assunto para apreciações pejo
rativas, teve, todavia, como lenitivo a choradeira dos le
prosos, únicos que verdadeiramente lamentaram sua saída -tal-
vez porque os únicos que dele poderiam ainda esperar présti-
mos e favores. Mas não lhe faltou de alguns amigos e parentes
a assistência e a solidariedade integral de sua esposa, se--
nhora de virtudes acrisoladas que, naqueles transes foi a
companheira e sócia do marido em todos os momentos. Recolhe
ram ambos a São Paulo e aqui Lulú de Queiroz faleceu, vai
para 20 anos, pobre e esquecido. Sua mulher, d. Chiquita,
faleceu o mês passado, com 92 anos. São memórias impereci-
veis e Deus, certamente, lhes terá dado o prêmio que con--
quistaram, ele principalmente, pela abnegação santificante
com que deu abrigo aos morféticos e pela resignação com
que enfrentou a borrasca que lhe consumiu o pobre patrimô-
nio e lhe cobriu de opróbrio e desconsolo os últimos anos
de vida.

São Paulo,
~~Campinas~~, 19-XII - 1948